

Imagem do outro e imagem de si: os editoriais de O Estado de S.Paulo sobre o Movimento Passe Livre¹

Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior²
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a imagem discursiva que o jornal O Estado de São Paulo apresenta do Movimento Passe Livre (MPL). Foram analisados dois editoriais, publicados em janeiro de 2016, nos quais o movimento é citado nominalmente. Como metodologia, utilizamos a proposta de antecipação das representações do receptor oferecida por Michel Pêcheux, em seu texto “Análise automática do discurso”. Em nossa conclusão, percebemos que o jornal possui uma visão negativa do MPL, associando ao movimento valores como a desorganização, o não respeito ao jogo democrático, violência, delinquência e criminalidade, ao mesmo tempo, que faz a imagem de si como um fiscalizador, desafiador do poder público, juiz e conselheiro da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Jornalismo, O Estado de S.Paulo, Movimento Passe Livre, MPL.

TEXTO DO TRABALHO

Durante as Manifestações de Junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) passou a ter uma maior visibilidade social, fixando sua imagem na esfera pública. O MPL foi responsável pela convocação dos atos que deram fôlego às diversas demandas sociais emergentes naquele período. A partir desta inclusão no cotidiano social, o movimento passou a ter um significado, tornou-se marcadamente conhecido pela reivindicação de um transporte público e gratuito para todos, o MPL passou a ser uma referência, principalmente para os jovens, no debate do transporte urbano.

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Póscom) da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: carlosferreira_jr@yahoo.com.br

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Mas como foi a reação da imprensa para com este movimento? Segundo Venício A. de Lima (LIMA IN MARICATO...[et al], 2013, p.92), durante as manifestações “*A primeira reação [da imprensa] foi de condenação pura e simples. [...] À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial*”.

Com o objetivo de entender qual a imagem que o jornal O Estado de S.Paulo possui sobre MPL atualmente, propomos neste trabalho uma análise de discurso de dois editoriais publicados pelo impresso em janeiro de 2016, três anos após as primeiras manifestações. O primeiro editorial “Ordem nas manifestações”, publicado em 14 de janeiro, trata sobre a necessidade de notificação dos trajetos das manifestações às autoridades na cidade de São Paulo; já o segundo editorial “A verdadeira face do MPL”, veiculado em 17 de janeiro, discorre sobre a publicação de um manual feito pelo movimento e distribuído a seus manifestantes.

Os dois editoriais analisados têm como plano de fundo as novas manifestações do grupo contra o aumento da passagem de ônibus e metrô na cidade de São Paulo de R\$ 3,50 para R\$ 3,80, que ocorreram no mesmo mês e ano do material selecionado.

Para analisar os editoriais teremos como base a proposta de Michel Pêcheux (2010), que em seu texto “*Análise automática do discurso*”, propõe uma fórmula intitulada *antecipação das representações do receptor* (PÊCHEUX, 2010, p. 83). Neste esquema de análise, pressupõe-se que o autor da mensagem - em nosso caso O Estado de S.Paulo - ao produzir seu discurso possui uma imagem prévia de seus destinatários. Segundo Pêcheux, duas perguntas são feitas por quem produz o discurso “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, ou seja, durante a produção de seu editorial o jornal teve de se perguntar sobre quem era o seu destinatário e o papel que o próprio jornal possuía no contexto social no qual estava inserido. Na hipótese de Pêcheux, os lugares de A (produtor) e B (destinatário) aparecem representados no texto, marcados por suas relações e posições:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o *lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações destas situações) (PÊCHEUX, 2010, p. 81-82, grifos do autor).

Foram utilizados alguns critérios para a identificação e análise desses dois momentos nos editoriais do jornal. Primeiramente, para identificarmos em quais momentos o jornal faz uma imagem prévia do MPL, além da citação nominal do movimento, serão consideradas citações indiretas e palavras que possam, segundo o jornal, caracterizar seus integrantes como: manifestantes, militantes, simpatizantes, baderneiros, vândalos, etc. Já o principal critério utilizado para a identificação da imagem que o jornal faz de si é o de quando o discurso transita explicitamente da esfera narrativa, para a argumentativa.

Apesar de O Estado de S. Paulo possuir diversos destinatários, tomaremos nesta metodologia, proposta por Pêcheux, o próprio Movimento Passe Livre como sendo o destinatário principal da mensagem. Isto porque, o jornal cita nominalmente o MPL, com isso, determina, mesmo que indiretamente, que seu discurso será alcançado por este receptor. Em nossa análise, portanto, teremos como parâmetro que ao citar o MPL, O Estado de S.Paulo, acaba por escrever idealizando também, e talvez principalmente, este agente social, além de seus leitores.

Por fim, o objetivo principal deste trabalho é estabelecer quais são os momentos, expressos nos editoriais, que o jornal possui uma imagem prévia do MPL e em quais momentos utiliza a imagem de instituição midiática estabelecida e reconhecida socialmente para validar seu discurso.

2. Ordem nas manifestações

O editorial “Ordem nas manifestações”, publicado em 14 de janeiro de 2016, divide a página A3 com outros dois textos, um no qual a publicação coloca em dúvidas o não envolvimento das altas autoridades da república no esquema de corrupção conhecido como Petrolão, que tem como título “Como não saber de nada”; e um segundo editorial intitulado “O agronegócio salvador”, que fala do agronegócio brasileiro como um caso de sucesso da economia nacional.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

No editorial selecionado, foram identificados onze momentos nos quais o jornal responde a questão “Quem é ele [MPL] para que eu lhe fale assim?”; e seis momentos nos quais O Estado de S.Paulo se coloca como uma autoridade, recorrendo a sua e respondendo a pergunta “Quem sou eu para lhe falar assim?”. (FIGURA 1.)

Começaremos nossa análise falando de como o veículo trata o Movimento Passe Livre. A primeira menção que temos no editorial e reflete esse referencial imagético, é a seguinte: “*manifestantes que prejudicam seriamente a população*”. Aqui o jornal não faz menção explícita ao MPL, porém mostra uma visão prévia de como enxerga os integrantes que dele fazem parte. A afirmação que se apresenta em seguida no editorial, de que o movimento se recusa a acatar a decisão da justiça de informar o trajeto de sua passeata “*como tem feito seguidamente, apesar da insistência das autoridades*”, reafirma esta visão. Com isso, as primeiras imagens que o jornal repassa, são a da irresponsabilidade e falta de compromisso com o coletivo, afinal de contas, os manifestantes, segundo o veículo, trazem prejuízo a cidade e não respeitam as regras do jogo democrático.

A desorganização, seja interna do movimento, ou a provocada por ele no espaço urbano, é o que serve também de recurso argumentativo para a publicação. Passagens do editorial como: “*Ao contrário do decidido em cima da hora pelo MPL*” e o emprego do adjetivo “*os desordeiros*” no final do texto, apontam para essa imagem de desorganização preconcebida do jornal sobre o Movimento Passe Livre.

O Estado de S.Paulo faz ainda uma comparação do MPL com as demais manifestações populares, ressaltando ainda mais o caráter “desordeiro” do MPL.

(...) o direito à livre manifestação tem de ser respeitado e não, como vinha acontecendo, utilizado para atropelar outros direitos, como o de ir e vir dos que não participam de protestos ou que, quando se manifestam, o fazem dentro da lei e da ordem. (ORDEM..., 2016, p. A3)

Com esta passagem o jornal utiliza-se da suposta legitimidade de um outro movimento, que segundo o mesmo não causa danos à cidade, sobrepondo-o às manifestações do MPL, ou seja, ao mesmo tempo que se coloca a favor dos que “*quando se manifestam, o fazem na ordem*”, faz o contrário com os demais.

Realizam

FIGURA 1

Ordem nas manifestações

Finalmente as autoridades encarregadas da segurança pública decidiram que daqui para a frente os percursos de todas as manifestações realizadas na capital paulista deverão ser comunicados com antecedência. Caso contrário, a Polícia Militar (PM) estabelecerá o itinerário a ser seguido. A não observância dessa regra elementar é uma das principais responsáveis pelos transtornos provocados por manifestantes, que prejudicam seriamente a população.

Isso começou a valer no protesto organizado na última terça-feira pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento das passagens de ônibus, trens e metrô de R\$ 3,50 para R\$ 3,80 e foi a recusa desse grupo de acatar aquela decisão – como tem feito seguidamente, apesar da insistência das autoridades – que desencadeou os tumultos na região da Avenida Paulista, Rua da Consolação e bairros da Bela Vista e de Higienópolis, que assistiram a cenas de violência poucas vezes vistas por ali.

Ao contrário do roteiro decidido em cima da hora pelo MPL para os manifestantes concentrados na Avenida Paulista – seguir pela Avenida Rebouças até o Largo da Batata –, a PM determinou que o percurso deveria ser a Rua da Consolação até a Praça da República. Por isso, bloqueou o acesso à Rebouças, cercou os manifestantes e deteve vários suspeitos com correntes, tesouras, soco inglês e arte-

fatos explosivos, numa clara demonstração de qual era o ânimo de pelo menos boa parte deles. Para deter os manifestantes que tentaram forçar a passagem, a PM usou bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral.

A posição do MPL, exposta por sua porta-voz Erica de Oliveira – “Quem define o rumo da manifestação é quem se manifesta e não a Polícia Militar”, é preocupante, porque indica que esse grupo está mesmo disposto a afrontar a autoridade, como já havia demonstrado na terça-feira. Essa é uma visão deliberadamente distorcida da questão, para servir a interesses políticos e ideológicos.

A regra anunciada pelo secretário de Segurança Pública, Alexandre de Moraes, é que coloca as coisas em seus devidos lugares: “Quando o trajeto não for avisado, ele será combinado no momento e o traçado da PM vai ser cumprido. Não é possível que os manifestantes e infiltrados queiram livremente bagunçar a cidade toda. Um grupo de pessoas não pode parar a cidade e prejudicar milhões de pessoas”. Isso quer dizer que o direito à livre manifestação tem de ser respeitado e não, como vinha acontecendo, utilizado para atropelar outros direitos, como o de ir e vir dos que não participam de protestos ou que, quando se manifestam, o fazem dentro da lei e da ordem.

A autorização de manifestações, com roteiros previamente comunicados às autoridades, que protegem seus participantes, é a regra seguida nos países

de sólida tradição democrática, como os europeus e os Estados Unidos. Quem se arrisca a desrespeitá-la paga o preço da repressão policial e grupos violentos como o Black Bloc têm de acertar contas com a Justiça.

Se o governo paulista se mantiver firme nessa nova posição, muita coisa vai mudar, e para melhor, no respeito às liberdades. Principalmente se, além disso, como promete o secretário Moraes, daqui para a frente as ações daqueles grupos forem tipificadas em inquéritos policiais como as de membros de organização criminosa. É inaceitável que baderneiros que destroem patrimônio público e privado sejam detidos, logo liberados e voltem a delinquir.

Ao contrário do governo do Estado, que tomou o bom caminho, o prefeito Fernando Haddad fica muito mal nessa história, com sua proposta demagógica e de viés eleitoreiro de sugerir ao Ministério Público que tente mediar a relação entre o MPL e a PM. Os anos gastos na companhia da tigrada devem ter feito o acadêmico Haddad se esquecer de que ordem pública não se negocia – se mantém – e a polícia existe para isso. Aliás, segurança pública é assunto que não diz respeito ao prefeito. E do Ministério Público o que se espera é que aja com firmeza em sua esfera de competência contra os desordeiros. Mas o pior da atitude de Haddad é a tentativa mesquinha de tirar proveito eleitoral de um problema dessa importância e gravidade.

Legenda



Imagem que o jornal faz do MPL



Imagem que o jornal faz de si

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Outro detalhe importante nesta passagem é a referência à frequência das manifestações. A menção da sentença “*quando se manifestam*” está ligada ao espaçamento que os demais movimentos dão entre uma passeata e outra, tática não utilizada pelo Passe Livre, que tem como estratégia eventos sistemáticos e “com curto intervalo de tempo entre eles, de maneira a asfixiar o poder público, fazendo jus ao lema do MPL: *‘Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar!’*” (JUDENSNAIDER [et al], 2013, p. 26).

A violência é o valor argumentativo mais utilizado pelo Estado de S.Paulo para descrever o MPL, são diversas as passagens selecionadas nas quais a imagem do movimento é ligada diretamente a atitudes violentas. Em: “[*a polícia*] *cercou os manifestantes e deteve vários suspeitos com correntes, tesouras, soco inglês e artefatos explosivos, numa clara demonstração de qual era o ânimo de pelo menos boa parte deles.*”; e “*A posição do MPL (...) é preocupante, porque indica que esse grupo está mesmo disposto a afrontar a autoridade*”, são dois exemplos dessa associação do movimento com atos de violência explícita.

Ainda tratando sobre violência, outra tática de argumentação utilizada pelo jornal é associar a imagem do MPL a dos Black Blocs, movimento conhecido pela radicalização e depredação da propriedade, pública ou privada. “*Não é possível que os manifestantes e infiltrados queiram livremente bagunçar toda a cidade*” e “*Quem se arrisca a desrespeitá-la [notificação às autoridades sobre trajeto de passeatas na Europa e Estados Unidos] paga o preço da repressão policial e grupos violentos como o Black Bloc têm de acertar contas com a Justiça*”.

Os manifestantes são colocados no mesmo patamar de delinquentes e criminosos com os quais a Justiça deve agir com veemência:

Principalmente se (...) daqui para frente as ações daqueles grupos forem tipificadas em inquéritos policiais como as de membros de organização criminosa. É inaceitável que baderneiros que destroem o patrimônio público e privado sejam detidos, logo liberados e voltem a delinquir (ORDEM..., 2016, p. A3).

Passando para o segundo momento de nossa análise, agora iremos nos ater a imagem de si que o jornal utiliza para legitimação de seu discurso. Logo no primeiro parágrafo com a expressão “*finalmente*”, o periódico utiliza da imagem de fiscalizador

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

do poder público para iniciar seu discurso argumentativo, impondo assim sua autoridade como agente social “*Finalmente as autoridades encarregadas da segurança pública decidiram (...)*”. Outro momento em que utiliza de sua imagem para cobrar as autoridades é no qual menciona o atual prefeito da capital, Fernando Haddad:

Ao contrário do governo do Estado, que tomou o bom caminho, o prefeito Fernando Haddad fica muito mal nessa história, com sua proposta demagógica e de viés eleitoreiro de sugerir ao Ministério Público que tente mediar a relação entre o MPL e a PM (ORDEM..., 2016, p. A3).

Nos seguintes exemplos destacados do texto, o jornal O Estado de S. Paulo utiliza de sua posição social para servir de conselheiro as autoridades e a sociedade como um todo: “*é preocupante porque indica que esse grupo*”; “*a regra anunciada (...) é que coloca as coisas em seus devidos lugares*”; “*Se o governo paulista se mantiver firme nessa posição (...)*. Nesses trechos é possível perceber o caráter avaliativo do jornal, que faz uma leitura da conjuntura social e se posiciona conforme seus interesses e visão editorial. Esse posicionamento de conselheiro advém da visão que o veículo possui de sua própria função e imagem.

Por fim, o jornal vai para além de sua posição de fiscalizador. No momento destacado a seguir, passa a ser um desafiador do poder público municipal, questionando a competência da prefeitura sobre o assunto da ordem nas manifestações: “*Aliás, segurança pública é assunto que não diz respeito ao prefeito*”.

3. A verdadeira face do MPL

Este segundo editorial “A verdadeira face do MPL” (FIGURA 2), publicado em 17 de janeiro, na página A3 do jornal, também divide espaço com dois outros editoriais “Manifêsto irrefletido”, que questiona a manifestação de um grupo de advogados críticos a operação Lava Jato; e com “O pior está por vir”, que trata da alta no desemprego e na falta de perspectivas de melhoras da crise econômica vivida pelo país.

Realizam

Figura 2

A verdadeira face do MPL

Agora não há mais dúvida. Com a divulgação de manual no qual instrui seus militantes e simpatizantes sobre como bloquear vias importantes e empregar outras táticas truculentas para atingir seus objetivos, o Movimento Passe Livre (MPL) confirma as avaliações mais pessimistas – sugeridas pelo seu comportamento tortuoso – sobre a sua verdadeira natureza e as suas verdadeiras intenções. Desaparece a imagem de bom-mocismo que sempre cultivou e surge a de um grupo aguerrido, frio e calculista, que não hesita em apelar para o emprego de métodos de ação violentos, que lembram ações precursoras da guerrilha urbana.

“Para aumentar as chances de vitória contra o aumento (*da tarifa dos transportes coletivos*), chegou a hora de começar a travar terminais de ônibus, grandes avenidas e ruas no entorno dos atos para garantir que a cidade pare até que tarifa baixe”, diz o manual. Com as minúcias de quem traça um bem pensando plano de batalha, o MPL propõe “sete passos” para parar vastas áreas da cidade e, por esse meio, potencializar os efeitos de suas manifestações, se é que a essa altura tal palavra ainda pode ser empregada para designar suas estripulias.

Primeiro, ensina, é preciso convocar amigos, grupos políticos – e pensar que o MPL se vangloria de ser apatidário – e outras pessoas para participar

dos protestos, por meio de mensagens de WhatsApp. Depois, deve-se escolher, em grupo, os locais que serão travados, “durante, depois e em outros dias além do ato”. Ou seja, são ações continuadas, que estão a léguas de distância da ideia vendida à população de protestos espontâneos, puros, ditados pela indignação contra a tarifa alta de um serviço ruim, que a seu ver deveria ser gratuito, como se se vivesse num mundo de sonhos onde não é preciso pagar contas.

O manual orienta os grupos – embora isso não seja dito, supõe-se que sejam integrados por militantes bem treinados, do contrário não teriam como fazer o que deles se espera – a organizar ações logo pela manhã e dialogar com a população para conseguir sua adesão. “Não podemos fazer essa ação isolada. Temos de convencer os trabalhadores”, recomenda.

Outras orientações são fotografar e filmar as ações para divulgá-las e incentivar os participantes das manifestações a repeti-las. Finalmente, propõe-se que se marque uma concentração antes do protesto e que seus participantes sigam “em marcha travando as ruas até o local do grande ato”. Isso já aconteceu na manifestação de quinta-feira passada – o ato preliminar foi na Praça da Sé – e o objetivo, mais uma vez, é explorar todas as possibilidades de tumultuar a vida da cidade.



É importante assinalar esses pormenores das instruções do manual porque são eles que

dão uma ideia precisa do que é de fato o MPL – uma organização politizada, sim, ao contrário do que ela pretendia ser, e determinada a utilizar meios violentos para atingir seus objetivos. Violência que se revela de várias formas. Uma delas é o bloqueio de vias importantes, com a deliberada intenção de complicar ainda mais o trânsito já difícil e paralisar a cidade, prejudicando a vida de milhões de paulistanos.

Violência não é apenas jogar coquetéis molotov e promover vandalismo. Mas também essa violência explícita, escancarada, faz parte do MPL, embora ele espertamente queira posar de bonzinho. A essa altura, só os ingênuos ainda resistem a admitir que os black blocs são a outra face do MPL. Não se viu até agora por parte desse movimento nenhuma ação concreta para combater a violência dos black blocs, nem mesmo – o que seria pouco tendo em vista a gravidade do caso – uma palavra de condenação clara do rastro de destruição que eles deixam a cada manifestação.

Essa omissão só pode ser entendida como cumplicidade. E cumplicidade é crime. Já está mais do que na hora de fazer cair a máscara de movimento pacífico, que o MPL espertamente carrega. A sociedade precisa acordar para essa realidade. Especialmente aquela sua parcela que engrossa as fileiras das manifestações do MPL e, assim, se deixa usar como massa de manobra de inocentes úteis.

Legenda

-  Imagem que o jornal faz do MPL
-  Imagem que o jornal faz de si

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Foram identificados doze momentos nos quais o jornal realiza a *antecipação das representações do receptor* frente ao MPL, e oito momentos nos quais o jornal mostra a imagem que faz de si mesmo. É interessante notar que em dois momentos do discurso, o jornal, ao mesmo tempo que faz a imagem do outro, projeta a imagem de si, construindo sua imagem em decorrência da crítica ao movimento.

No editorial, as primeiras duas menções que surgem relacionam o MPL a “*táticas truculentas*” e “*comportamento tortuoso*”, ambos depreciam a imagem do movimento, o primeiro novamente falando do que o jornal considera um comportamento violento, e o segundo destacando o caráter não verdadeiro do discurso empregado pelo grupo. Ratificando essa questão, temos a seguinte citação na sequência do editorial: “*Desaparece a imagem de bom-mocismo que [o MPL] sempre cultivou e surge a de um grupo aguerrido, frio e calculista (...)*”.

Outro momento que O Estado de S.Paulo define explicitamente a visão negativa que possui do MPL aparece com mais intensidade no decorrer do texto. Nele, o jornal trata o movimento como uma “*organização politizada*” que utiliza “*meios violentos para atingir seus objetivos*”:

(...) uma organização politizada, sim, ao contrário do que ela pretendia ser, e determinada a utilizar meios violentos para atingir seus objetivos. Violência que se revela de várias formas. Uma delas é o bloqueio de vias importantes, com a deliberada intenção de complicar ainda mais o trânsito já difícil e paralisar a cidade, prejudicando a vida de milhões de paulistanos (A VERDADEIRA..., 2016, p. A3).

Assim como no editorial “Ordem nas Manifestações”, o jornal compara o Movimento Passe Livre com os Black Blocs. Desta vez, o veículo os apresenta como uma face da violência explícita do grupo. “*(...) Mas também essa violência explícita, escancarada, faz parte do MPL (...)* A essa altura só os ingênuos ainda resistem a admitir que os black blocs são a outra face do MPL”.

A omissão, frente às atitudes de deprecação realizadas pelos Black Blocs, é a principal argumentação do jornal nos dois parágrafos seguintes, nos quais mantém as comparações entre os movimentos. Por fim, criminaliza o MPL por sua omissão: “*Essa omissão só pode ser entendida como cumplicidade. E cumplicidade é crime*”.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A imagem do Movimento Passe Livre como um grupo incoerente é bastante utilizada durante o editorial por meio de comparações. Nos trechos “(...) *são ações continuadas, que estão a léguas de distância da ideia vendida à população (...)*” e “(...) *supõe-se que sejam integrados por militantes bem treinados (...)*”, o Movimento Passe Livre estaria arquitetando planos para, de modo violento agir na cidade, contradizendo seu discurso de que é um movimento espontâneo, que se manifesta ocupando as ruas.

Já como imagem de si, podemos verificar alguns momentos nos quais o jornal aparece como uma espécie de juiz. O texto se inicia com a expressão “*Agora não há mais dúvida*”, em referência a “*caída de máscaras do MPL*”. Este argumento mostra que o veículo se coloca em um patamar inquestionável frente a seu destinatário. Se posiciona como primeira e última instância julgadora do movimento.

O Estado de S.Paulo também se considera livre para reinterpretar as falas do MPL e utilizar como seu argumento de ataque, para isso usa duas expressões “*Ou seja, são ações continuadas (...)*” e “*(...) embora isso não seja dito*”, nas quais dá um novo sentido as falas do movimento, na tentativa de desconstruir o discurso utilizado pelo grupo.

Além disso, a publicação chama seus leitores para ação: “*Já está mais do que na hora de fazer cair a máscara de movimento pacífico, que o MPL espertamente carrega*”, o interessante a se notar nessa citação é que o discurso do jornal se aproxima com o de militância, convocando seus seguidores a agir.

Novamente o jornal utiliza de sua posição social para se colocar como um conselheiro, identificamos esta imagem nos seguintes trechos: “*É importante assinalar esses pormenores (...)*” e “*o que seria pouco tendo em vista a gravidade do caso*”.

Em dois momentos o jornal utilizou explicitamente da imagem prévia que detinha do Movimento Passe livre para construir sua própria imagem. No trecho “*(...) e pensar que o MPL se vangloria de ser apartidário*” ao mesmo tempo projeta uma crítica ao movimento, o jornal utiliza de sua imagem de instituição socialmente estabelecida para validar seu discurso. O segundo trecho é o qual O Estado de S.Paulo questiona se as ações do Movimento Passe Livre podem realmente ser consideradas manifestações:

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

“(...) o MPL propõe “sete passos” para parar vastas áreas da cidade e, por esse meio, potencializar os efeitos de suas manifestações, **se é que a essa altura tal palavra ainda pode ser empregada para designar suas estripulias** (A VERDADEIRA..., 2016, p. A3, grifo nosso).

Com esse questionamento, novamente, ao mesmo tempo em que expõe a imagem que faz do outro, o Estado de S.Paulo se utiliza da força de seu discurso e da imagem que faz de si, para questionar a legitimidade das manifestações organizadas pelo movimento.

Conclusão

Com as colocações realizadas pelo O Estado de S.Paulo conseguimos perceber que nos dois editoriais analisados, o jornal faz uma antecipação negativa da imagem do Movimento Passe Livre, demonstra essa aversão realizando diversas associações com o objetivo de desconstruir a imagem do MPL como um movimento, além de associá-lo a valores negativos como a desorganização, o não respeito ao jogo democrático, violência, delinquência e criminalidade.

Como imagem de si, o jornal ocupa os lugares de fala do fiscalizador e desafiador do poder público, além de se ver como um conselheiro que detém a capacidade de uma análise fidedigna da realidade como um todo, por vezes, o veículo se posiciona como um juiz, para assim decretar o que deve ser feito ou não com relação às manifestações organizadas pelo MPL e ao próprio movimento. No segundo editorial, é interessante notar a aproximação do veículo com o discurso militante. Ao chamar para ação seus leitores, o jornal acaba por fazer o que mais crítica no outro, articular para uma ação, uma imagem que não projeta a si, mas acaba por reproduzir sem intencionalidade.

Após essa análise, e para trabalhos futuros, podemos nos perguntar como essa imagem, que é distribuída pelo O Estado de S.Paulo, mobiliza o Movimento Passe Livre e a sociedade de maneira geral, já que a questão da mobilidade urbana tem se tornado cada vez mais essencial para o bom funcionamento das cidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

A VERDADEIRA face do MPL. **O Estado de S. Paulo**, 17 jan. 2016. Notas e Informações, p. A3

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JUDENSNAIDER, Elena... [et al.]. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia... [et al.]. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 89-94.

ORDEM nas manifestações. **O Estado de S. Paulo**, 14 jan. 2016. Notas e Informações, p. A3

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.